

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

CARTAS DE ADOLFO COELHO A MARTINS SARMENTO.

FERREIRA, Agostinho

Ano: 2003, 2004 | Número: 113-114

Como citar este documento:

FERREIRA, Agostinho, Cartas de Adolfo Coelho a Martins Sarmiento. *Revista de Guimarães*, 113-114 Jan.-Dez. 2003-2004, p. 303-328.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

CARTAS DE ADOLFO COELHO A MARTINS SARMENTO

Leitura e fixação de texto de Agostinho Ferreira

Francisco Adolfo Coelho (1847-1919) é uma das figuras da geração de 70 do sec. XIX que foi uma das mais brilhantes gerações de intelectuais da nossa história. Para além da intervenção política, esta geração notabilizou-se pela reacção contra o romantismo, na célebre “Questão Coimbrã”, nas “Conferências do casino” e, sobretudo, na literatura que produziu.

Adolfo Coelho participou activamente nas “Conferências do Casino” com a conferência sobre “A Questão do Ensino”. Foi historiador da literatura e introdutor, em Portugal, dos Estudos Linguísticos e da Pedagogia. A par de Teófilo Braga, Consiglieri Pedroso, Leite de Vasconcelos e Rocha Peixoto, destacou-se, também, no estudo e desenvolvimento da Etnografia e Antropologia.

Da sua correspondência destacamos, neste número da Revista de Guimarães, as cartas a Martins Sarmiento, cujos manuscritos se encontram na biblioteca da Sociedade Martins Sarmiento.

Piedade, Concelho d'Almada, 11/3/77

Ex^{mo} Snr.

Tenho lido com o máximo interesse as notícias dadas pela imprensa periódica dos descobrimentos arqueológicos feitos por V. Ex.^a e era meu voto visitar o local em exploração. Enquanto estive no Norte não me foi possível fazê-lo e eis agora que aqui, onde fixei por algum tempo a minha residência me chega o tão agradável convite de V. Ex.^a! Infelizmente trabalhos urgentes me inibirão talvez de poder assistir à reunião, cuja ideia não posso deixar de aplaudir, desejando que dê proficuos resultados para a ciência.

Subscrevo-me com a maior estima e consideração

De V. Ex.^a

M^{to} at^o Ven^{or} e obr.^{do}

F. Adolpho Coelho

Piedade - Almada, 5 de Abril, 1877

Ex.^{mo} Snr.

Em consequência do adiamento da festa da Citânia, tentarei dispor as coisas para ver se consigo poder ir, agradecendo desde já a notícia que V. Ex.^a tem a bondade de me dar.

Há dez anos planeei um trabalho sobre a Etnologia antiga da península, cuja primeira parte devia versar sobre a linguagem; colhi até hoje materiais que dariam um grosso volume em quarto, aproveitando mesmo dá o que de positivo e bem assente há neles; as dificuldades da minha vida têm-me obrigado a interrompê-lo numerosíssimas vezes, além doutros trabalhos que solicitam o tempo. Em todo o caso, não desisti ainda da obra, ainda que, para a realizar no plano em que a concebi, tenha que fazer grandes sacrifícios de toda a espécie; a nota publicada na Harpa é apenas um pequeno espécimen em que há uma inexactidão (além de erros tipográficos): Autrigones não é Aut+rigones, mas sim Autric-ões, der. de Autricum, ali citado; contra Zeuss - Ebel deve-se admitir Antura e não Antara, como mostrou d'Arbois de Jubainville; são pequenos erros, cuja correcção se alcança quando se redige uma obra por inteiro e se têm bem presentes ao espírito todos os materiais. Como me ocupei num trabalho dessa natureza e espero ainda poder consagrar-lhe longo tempo, interessou-me muito a nota de V. Ex.^a sobre a Citânia. Com toda a sinceridade a que a carta de V. Ex.^a convida e o meu espírito me impõe, direi o que penso sobre a identificação proposta da Citânia com cytoian.

De todos os ramos dos estudos indo-europeus, a mitologia céltica foi, como V. Ex.^a bem sabe, a que mais dificilmente saiu do estudo caótico em que se achava e aquele em que o caos era maior; ainda hoje, o que por lá vai fora da escola de Zeuss! O que desacreditou principalmente a velha filologia céltica foram as aproximações imaginosas de palavras de diferentes línguas, sem atenção às suas frases de transformação fonética, nem às leis dessas transformações; o que a escola de Zeuss, apoiado no grande monumento que este homem criou, está fazendo é aplicar com o mesmo rigor

esses princípios; ora vejamos quais eles são no caso especial da Citânia. Qual é a forma mais antiga deste nome? É assim que ele se acha nos escritores ou documentos medievais? É assim que ele se acha em antigas inscrições, nos autores gregos ou latinos? Desgraçadamente creio que não há muito por onde responder a este questionário. Nos autores gregos e latinos não encontrei eu ainda o nome, nem nome que possa considerar como aparentado daquele. Há inscrições da época romana em que venha o nome? Na falta doutra coisa contentar-nos-íamos com as formas medievais, que talvez nos revelassem uma forma mais primitiva. Não me recordo se alguma coisa foi já publicada neste sentido; V. Ex.^a muito me obsequiará fornecendo-me os dados precisos. Não é seguro comparar Citânia, se ignorarmos que esta forma seja antiga com qualquer forma céltica, ainda que antiga. Um exemplo provará o rigor deste princípio. Suponhamos que se quer determinar a origem do nome Setúbal; aí temos o campo aberto ou hipóteses inúmeras, sem ser possível alcançar dados positivos; quer a comparação se faça com o céltico moderno, quer com o antigo é sempre a mesma incerteza. Setúbal parece ser Setu+bal; ora no antigo céltico temos Setu-pocius, etc; bal é talvez bel, etc.; mas desde que sabemos que Setúbal é Setubre, Setubra, Caetobriga (bra=briga como Coimbra), vemos logo que é dos elementos caeto e briga que temos que determinar e etimologia. Nos meus estudos de onomatologia celto-ibérica, eu trato de estudar as formas antigas e só depois é que passo às modernas, cujo valor é secundário, admito que excepcionalmente se estudem por si as formas modernas de conjecturável origem céltica; mas as precauções devem ser numerosas. Isto pelo que respeita à citânia, vamos a cytian, ou antes cyt, pois a primeira é um plural:

Kymrico mod. céltico, a cot, a stye, a roundness, a rump, a skirt; também há a forma cut. gaélico mod. cot, plural, Cotachan, a cottage.

irlandês moderno cotta, a cottage.

irlandês antigo kute, puteus?

aremor. não oferece paralelo.

kute deve ser talvez riscado da lista. E bel (Beiträge II. 152) considera-o como estranho ao fundo céltico e talvez até proveniente de puteus e acrescenta: *erinnert auffallend an unser kaute, kute grube.*

Saiamos do céltico e passemos às línguas germânicas, que tiveram tanto impacto nos tempos históricos como aquelas.

inglês moderno, cot, cottage	}	o sentido mais antigo é o de cabana
inglês antigo, cote		
anglo-saxónico, cote, cyte		

Alemão moderno kot, kote (köte, kata, etc.)

“ médio kote

“ antigo chuti

baixo alemão kate

nort. frisico kate.

antigo norsico kot.

sueco kâte, kote

dinamarquês kaade

Como ao K e ao T das formas célticas correspondem K e T nas formas germânicas é evidente que ou os celtas receberam a palavra dos germânicos ou os germânicos dos celtas; pois se uns e outros a houvessem da mãe comum indo-europeia, os germanos teriam submetido o K e o T originais à lei descoberta por Grimm (Lautverschiebung), isto é, teriam convertido essas momentâneas surdas em aspiradas, degeneradas depois em aspirantes. Como 1) a palavra ocorre em todos ou quase todos os dialectos germânicos; 2) se encontra só nos dialectos célticos insulares e particularmente nos da Grã-Bretanha; 3) tem uma forma idêntica em anglo-saxónicos e céltico insular; somos levados a concluir que foram os celtas que a receberam dos germanos, por intermédio dos anglo-saxões. Esta conclusão é, a meu ver, e como V. Ex.^o, estava certo, reconhecerá inevitável.

Höldebrand, um dos continuadores dos Grimms (D. Ulörterbuch V, s.v. Kot, diz da palavra: «A significação geral é casa num sentido diminutivo, pelo que a palavra se revela como formada nos tempos primitivos.»

Os elementos para a história desta palavra são numerosos e assaz complicados. As línguas fónicas oferecem-na:

esthnic kodda (grego, koia, koa), koddo, casa;

finlandês kota (grego, kodan), casa, cabana;

lapon. kate.

Não será pois a palavra indogermânica?

Será um dos muitos termos que os germanos receberam dos seus vizinhos mongoloides⁵³⁶? Diefenbach inclina-se a essa opinião (Uergl. Worterb. II. 546, que é tanto mais aceitável quanto é certo que só se encontram correspondentes verdadeiros da palavra em línguas indo-europeias que estiveram em contacto com as raças finicas⁵³⁷ (já antes, já no período histórico) e nas línguas célticas insulares, para onde foi levada pelos anglo-saxões. É desta maneira que se explica a existência da palavra no eslavo:

? polaco chata, cabana

? boêmio chatre, cabana miserável,

etc.

“Merkwürdigste Spuren finnischer Sprache haften in Scandinavien, aber dennoch in andern deutschen Mundarten, namentlich dergotischen und niederländischen, vermuthlich auch in keltischer Zunge” J. Grimm, Geschichte der deutschen Sprache z.^{te} Aufl. p. 121.”

Do mesmo modo que nós de casa tiramos casaco, casaca, assim diferentes línguas do termo kote ou seus derivados um nome de vestido (inglês coat, etc.).

Mas a etimologia de Pictet? Dirá V. Ex.^a eu não tenho a obra de Pictet à mão e não posso ver quais são os dados em que ele se funda para 1) considerar kot como céltico e 2) derivar a palavra de sânscrito, √kut; mas como V. Ex.^a sabe as ‘Origines indo-européennes’, apesar do seu grande valor, são um livro que não pode ser aproveitado senão com a máxima circunspecção, ainda mais um livro traidor, para quem não estiver munido de todos os elementos críticos para rejeitar nele o que tem de mau, que é muito. “Sehr reichhaltig an Etymologien und interessanten, wenn auch oft sehr kühnen Zusammenstellungen ist Pictet’s anregendes Werk Les origines, etc. “G. Curtius, Grundzüge der griech. Etymologies p. 19”. “Ich kann daher

⁵³⁶. Relativo a Mongólia (nota do editor).

⁵³⁷. Finlandesas (nota do editor).

die etymologische Regel Pictet's (Origines I 23), partir toujours du mot sanscrit, s'il existe" nicht als haltbar betrachten". Ibid. p. 30. Hoje a obra de Puctet está no todo condenada por falta de método, conquanto riquíssima em materiais aproveitáveis e aproveitados já em obras dum carácter mais rigoroso como as de Curtius.

Assim pois - Citânia fica ainda em enigma. Quantas vezes julgando ter resolvido problemas semelhantes, a análise fria e impassível a que sujeito a hipótese me revela que me enganei completamente! Imagine V. Ex.^o Citânia pode ser Civitania, construído por Civitania (como apiedar por apiedadar, trigo por triticum, etc.) mas se uma tal derivação é gramaticalmente (morfológica e foneticamente) possível, faltam os dados históricos que a comprovem. Se cit fosse uma palavra céltica para casa, cabana, etc., Citânia podia mui bem ser um derivado dela, se bem que no derivado colectivo dessa palavra se devia antes esperar a forma Citenna; nada foneticamente se opunha à derivação; mas os dados históricos que eu apresento em resumo a V. Ex.^o condenam a etimologia. O que em todo o caso Citânia não podia ser era uma forma identica gramaticalmente a Cytian, isto é um plural, semelhante formação não sendo provável para o período em que Citânia se teria formado.

Mas ainda que Citânia não fosse uma velha palavra céltica, não podia provar contra a origem céltica da povoação; vice-versa, a celticidade do nome não provaria a celticidade da povoação. É um ponto a que nem sempre atendem os arqueólogos. Os nomes enganam. Sou linguista e sou dos primeiros a reconhecer o abuso que se tem feito da linguística na arqueologia; use-se a etimologia, com toda a prudência, os resultados serão excelentes. Agora permita-me que toque numa outra questão a que V. Ex.^o e exprima a minha opinião.

O Minho foi todo céltico. Os antigos nomes de rios (Ave, Minho, Tãmaca⁵³⁸, etc.) e montes são célticos e em regra duma celticidade evidente; a maior parte dos nomes de lugares antigos são célticos; a maior parte dos nomes contidos nas inscrições da época romana, que não são romanos, são evidentemente célticos; são célticas as velhas divindades pagãs, de cujo culto se têm encontrado vestígios, e que não podem ser consideradas romanas (como o deus Bormanicus, de cujas águas maravilhosas V. Ex.^o tem por certo já experimentado a eficácia); isto é indubitável e eu poderei na pri-

⁵³⁸. Tãmaca é a forma antiga de Tãmega (nota do editor).

meira ocasião prová-lo exuberantemente. Foi o Minho de todas as nossas províncias, a que conservou mais das características do espírito céltico. Mas, certo disto, e com a máxima circunspecção, tanto maior quanto estamos seguros em nossos princípios, que devemos proceder nos estudos de onomatologia comparada dessa, como doutra qualquer região do país. Arvor = ar-more é atraente; foneticamente não há que opor; mas os dados históricos. Enquanto a porto e juiz noutra ocasião, pois esta carta vai-se convertendo numa memória.

Pode V. Ex.^a estar convencido que estas coisas não são maçada nem estopada para mim.

De V. Ex.^a

M.^{to} ven.^{or} e ob.^{do}

F. Adolpho Coelho

Piedade, Almada, 11 de Abril de 1877

Ex.^{mo} Snr.

Acabo de ler a última com que me honrou e respondo já o que se me oferece, guardando para ocasião mais propícia tratar doutros pontos interessantes a que V. Ex.^o se refere, alguns dos quais por sairem do meu campo especial carecem de estudo particular.

Começarei pela etimologia de Citânia. Talvez fossem insuficientes os dados que expus a V. Ex.^o para fundamentar a minha opinião de que a etimologia proposta não é aceitável; condensei as notas que reuni; mas ao que parece a dúvida principal surgiu para V. Ex.^o do que respeita à lei de Grimm, que diz ter visto combatida. Creio que há aqui equívoco: até hoje nenhum linguista sério combateu a lei de Grimm, isto é, a lei da substituição das consoantes nas línguas germânicas (k, t, p = h, th, f (l); g, d, b = k, t, p; gh, dh, bh = g, d, b); o que tem sido combatido são as diversas teorias propostas (por J. Grimm, Curtius, Max Müller, etc.) para a explicar, porque a existência dessa substituição regular é tão certa como a circulação do sangue em nossas veias e artérias.

A lei de Grimm é uma das pedras angulares do edificio da linguística e esta é sólida, inabalável. Abel Honelaegne, um dos que combateram a teoria (não a lei) de Grimm (La Theorie Specieuse du Lautverschichung) diz, depois de a expor no seu livro recentíssimo La Linguistique (1877, 2.^o ed.) p. 345. "Bien de plus simple que cette lois. Ajuntons qu'elle est constante. Pour qu'elle ne s'applique pas, il faut qu'il se rencontre un empêchement physiologique, il faut que l'explosive qui devait être renforcée suit, par exemple précédée de 's'...

"Cette loi du renforcement des explosives primitives, cette grande caractéristique du systeme germanique pris en général fut, par la suite des âges, étendue, complétée, mais elle demeura la base même du système tout entier." É evidente pois que V. Ex.^o se equivocou ou julgou mal com referência a esse facto capital, cujo estudo lhe recomendo, Grimm, Deutsche Grammatik, Bopp, Vergl. Gramm., Schleicher, Comp. e Curtius,

Grundz. são os livros que tenho à mão (e creio que os que há) em que melhor ele se pode estudar; mas é raro o livro bom sobre linguística indo-europeia em que ele não venha exposto mais ou menos desenvolvidamente. Esquecia-me de mencionar Schleicher, *Die Deutsche Sprache*, onde a lei vem tratada com muita clareza. É impossível dar um passo firme, seja para descobrir a mais insignificante etimologia primária, sem estar bem armado com os princípios da gramática comparada indo-europeia; assim como na etimologia secundária sem conhecer bem a gramática comparada do grupo a que ela se aplica.

A série sanscrita *kut-* é interessante, mas não me seduz; um tema indo-europeu *Kuta* soaria no gótico como *hupa*, alto alemão *hud(e)*, salvo alguma alteração secundária da vogal.

Nas minhas notas onomatológicas acho um assaz considerável número de nomes de lugares derivados de temas da forma *kut-*, *kit-*, mas não esclarecem nada a questão, pois não são célticos. A *κῦτα* a que V. Ex.^o se refere (creio que encontrou o nome em Steph. Byz.) é o mesmo que *κῦτη* de Suidas, ou *Κῦταια* ou *Κῦταιον*; isto é, um lugar (cidade da Cólchida, célebre da lenda dos argonautas como sendo a pátria da mitológica Medeia. A palavra é grega. E. Curtius, *Geogr. Onom.* p. 157 olha como conexas com *ξύτος*, cavidade, buraco, leito de rio, espaço, planície entre montanhas; mas essa palavra grega não tem nada que ver com o sânscrito *kut.*, mas sim com o sânscrito. *çu* (G. Curtius, *Grundz.* t.^o 79).

Citânia não poderia, permita-me que repita ser um plural. Eu tinha já procurado em Ducange a ver se achava um derivado do Latim *civitas*, uma coisa como *civitania*, significando pequena cidade, porque confesso, *Citânia* não me cheira a céltico, nem creio que fosse o nome primitivo do lugar, mas sim uma denominação dada posteriormente às ruínas.

Conquanto a *arg.* é evidentemente um radical comum ao céltico, ao latim, ao grego, etc.; o sentido primitivo é brilhar, ser alvo; daí o seu emprego para denominar o leite, a prata; daí servir de base a adjectivos significando ilustre, nobre, claro, e no declive destas acepções pode ir-se assaz longe. Forte não significaria; o céltico derivou doutras raízes palavras [que] significam duro, forte, reforçado, etc. Não acho em O'Reilly (ed. de O'Donovan, 1864) a significação *princeps*, que, segundo V. Ex.^o, ele devia trazer; em compensação ele dá-me uma série daquelas disparatadas significações em que ele abunda e com as quais todas as etimologias são possí-

veis; as primeiras conviriam admiravelmente a V. Ex.^a, se O'Reilly pudesse ser tomado a sério: Arg, s.m. a champion, Mars(!). As palavras armoricanas começando por arg, que não pertencem à raiz arg brilhar, ser alvo (e são poucas), são compostas com a preposição ar; não tem nada que ver com a questão. Eu conheço nos nomes próprios célticos antigos quatro temas derivados dessa raiz: são argio-, argesso-, argicio-, argento-, (ver arganto-); o último significa a prata, os outros têm o carácter de adjectivos puros quando entram em composição (como em Argio-talus, o que tem a fronte branca ou brilhante), ou adjectivos empregados como nomes próprios, como Claro entre nós e o grego 'Αργος, que deriva da mesma raiz arg, o germânico Berto (o brilhante; não esqueça para a questão o dr. Brilhante), etc., etc. Os romanos não tinham nenhum nome próprio derivado dessa raiz, donde eles tiraram a sua argutia (vb. arguere). Com o nome argentum há um grande número de questões conexas, interessantes para a história dos metais e a história das nações europeias em que agora não entrarei. Arg(os) ou Argi(os) são pois velhos nomes célticos e o Arg. da Citânia, como não pode ser latino, é céltico irrefutavelmente. Nomes de divindades em vasos, se não me falha a memória, não é coisa rara. Também, se não me falha a memória, pois agora não posso fazer a verificação, nas Inscript. Hispan. Camalus não ocorre como nome de Deus; mas o que parece certo é que antes de ser nome próprio de homem ele foi nome de deus e é o mesmo que o gaulês Camulus, sendo o y um simples abrandamento de a, Camalus, pois, uma forma mais primitiva. Eu tenho encontrado na península algumas formas célticas mais arcaicas que as correspondentes gaulesas. Enquanto aos sinais mágicos (?) o que puder apurar irá noutra ocasião; eu tenho alguns dados já para o estudo da antiga mitologia peninsular e sei que o círculo figurava muito entre os celtas nos encantos e amuletos,

Com a maior estima

De V. Ex.^a

M^{to} At^o ven.^{or} e Ob.^{do}

F. Adolfo Coelho

Piedade 28, Maio, 1877

Ex.^{mo} Snr

Permita-me V. Ex.^o que explique nalgumas palavras porque não respondi ainda à sua interessante carta de 13 de Abril pp.

Revejo aqui uma 7^a edição do dicionário de nomes, de que tenho de ler, corrigir ou antes cortar os erros etimológicos e a que tenho que adicionar termos novos e acepções novas, isto na quantidade invariável de quatro páginas por dia, o que torna impossível um trabalho como eu o entendo, e ao qual em verdade o Moraes se presta pouco, razão porque não consinto de modo algum que o meu nome figure como o de corrector, conservando rigoroso anónimo. Além disso imprimo um Dicionário manual da língua portuguesa com a etimologia, como eu a entendo, aproveitando os trabalhos sólidos de Dier e sua escola e juntando uma massa assaz considerável de resultados novos; deste tenho que escrever 3 pp. 8^o corpo 6 por dia. Fica-me apenas disponível um dia por semana, o Sábado, por ser véspera de dia em que nas imprensas não se trabalha e nesse dia invariavelmente passo o Tejo e vou para Lisboa investigar os manuscritos das Bibliotecas e Arquivo Nacional, donde irei extraindo muita coisa ignorada e de mais ou menos importância para a história do espirito português. Os dois dicionários não me deixam mais tempo livre: os estudos de onomatologia céltica e portuguesa dormem pois a sono solto, com um ou outro sonho de vez em quando que não adianta muito. Para acabar o que comecei nesse campo resta ainda muito que fazer e só quando chegar para mim o dia da justiça (se chegar) é que poderá prosseguir. Tem-me, pois, sido impossível pensar na Citânia e nas questões conexas e portanto uma resposta minha à carta de V. Ex.^o na data mencionada nada poderia adiantar. Agora que recebo a nova carta de V. Ex.^o de 25 do corrente, cumpre-me explicar a demora.

V. Ex.^o tem-me falado num certo número de questões que saem fora do campo dos meus estudos, já de si tão acanhados, pela falta de recursos de toda a espécie e principalmente porque forçado para viver a fazer literatura de pacotilha, escrituração comercial e a dar até lições de instrução primária, segundo as ocasiões, consegui até hoje apenas pôr-me ao facto

dos métodos de investigação científica e coligir alguns materiais para o estudo das línguas e mitologias peninsulares, literatura antiga portuguesa e coisas conexas; ora essas questões bastavam já para ocupar inteiramente a actividade dum homem colocado nas melhores condições possíveis; para quê ir-me meter em mais ramos das ciências históricas na sua aplicação à nossa península? Há por (ai)⁵³⁹ enciclopedistas a cada canto; parece até que o público português exige que os sábios cá da terra o sejam; o resultado vê-se nos magros resultados sólidos que eles trazem para a ciência.

O meu plano está há muito traçado: estudar as línguas literaturas e tradições mitológicas peninsulares - e para a realização dele tenho trabalhado muito, mas o que resta a fazer faz-me muitas vezes perder o ânimo. É evidente que nesse estudo tenho que revolver todos os materiais relativos à história das civilizações peninsulares; mas é mister tomar deles só o que respeita imediatamente ao meu fim. Eu não serei pois nem numismata, nem arqueólogo propriamente dito, nem historiador. Eu quero fazer alguma coisa: é esta a minha maior aspiração; para o fazer tenho que restringir o mau campo e aquele que escolhi é até vasto de mais.

Com referência à passagem das Instructions do Hovelacque lembro a V. Ex.^o que eu a analisei há alguns anos na Bibliografia Crítica, p. 21-23 o Hovelacque confundiu ali a lei com a teoria de Grimm, que são duas coisas diferentes. Não sei se poderei dispor os trabalhos impreteríveis dos Dicionários de modo que possa ir à reunião da Citânia; de mais que iria eu lá fazer? V. Ex.^o terá lá os homens que pela posição, pela consideração de que gozam, pela idade, pela profissão devem estar mais no caso de poder tratar e estudar as questões arqueológicas que essas importantes ruínas despertam; que eles peguem na questão linguística propriamente dita, não admirará, porque ao que parece o método linguístico tem ainda sido pouco compreendido por cá, mas nas questões arqueológicas devem ser competentes alguns deles, nem se compreende que eles lá vão não o sendo.

Com referência aos trabalhos de V. Ex.^o permita-me a minha opinião. O que mais útil poderá ser já, já é um livro ou memória puramente descritiva das ruínas, o mais minuciosa possível, acompanhada de fotografias, fotolitografias ou outras quaisquer representações mecânicas dos objectos, texto em português e francês; depois, em separado, V. Ex.^o diria o que pensa acerca das ruínas. Este processo de abnegação científica traria ao desco-

⁵³⁹. Nota do editor. O original não inclui a palavra *ai*, por suposta falha do autor.

bridor e explorador da Citânia uma glória superior em muito à que lhe podem acarretar quaisquer hipóteses científicas. A questão da Citânia parece-me intrincada assaz e vejo que os nossos arqueólogos até hoje no que têm dito taceiam: - Oxalá que a inspecção das ruínas faça cessar as hesitações!

Disponha V. Ex.º de quem é

De V. Ex.º

sincero apreciador e ven.º

F. Adolfo Coelho

Piedade, 31 de Maio de 1877

Ex.^{mo} Snr.

V. Ex.^a deve ter nas mãos a minha anterior em resposta às suas antepenúltima e penúltima. Apesar da falta de tempo e dos motivos que expus a V. Ex.^a da repugnância com que falo, quando é preciso, do que não estudei suficientemente, o último achado de V. Ex.^a é tão interessante, parece-me esclarecer por tal modo a questão da Citânia que não posso resistir a rabis-car algumas linhas sobre o assunto: são meras opiniões ou antes hipóteses gratuitas. Eu pensei sobre Citânia, artigo habitações, já há tempo: temos aqui celtas que aprenderam dos romanos a arte de edificar com pedra, etc. e conservaram o tipo anterior de suas habitações. Eu declaro que pouquíssimo tenho lido e menos visto sobre a arquitectura primitiva dos romanos, mesmo esse pouco a distância; sobre os celtas architectos o pouco que traz o Belloguet e outros e que toda a gente que mete o bico nestas coisas sabe ou deve saber. Resta estudar a questão: há uma opposição entre o tipo das construções da Citânia e o tipo romano da época imediata à da conquista do ocidente da Península? Aprendendo os celtas dos romanos a arte de construir em pedra ou imitando-a poderiam acomodar os processos romanos ao tipo anterior das suas habitações? Estudaram-se as argamassas, talha da pedra, etc. das habitações da Citânia comparando-as com as das habitações romanas? A inscrição por si só revela muito: a questão é ver bem nela com os olhos (que eu não tenho) de arqueólogo, sem peneiras mas bem enfarinhado. Vamos ao nome *Coroaeri*; aqui talvez possa dizer um pouquinho com a ajuda dos meus índices onomásticos. Há aqui ou um nome composto que dividiríamos *coro* + *aero-*, ou um nome simples (o que à primeira inspecção não parece muito aceitável), um derivado do tema *coro-* por meio do sufixo *aero-*; ma os sufixos não se ligam em regra aos temas fundamentais; esperar-se-ia antes como derivado *coraer-o*. Vamos a *coro-*; é um tema céltico (abstracto para evitar complicações da questão homonímica) muito espalhado. Recorro a uma cópia que tenho dos índices

de Hübner, *Inscript. Hisp. lat.*, na falta do livro, e acho *Coroco...* ou *Croco*-⁵⁴⁰.

Coro-co-coro-caurcus- Corocut n. pess., Coronius, id. e outors que se podem ligar ainda a este tema. Isto lembra logo o Coriarcoc... de Lelewel VI, 36., o composto Celi-corire (Rev. Numism. Nouv. ser. t.X (1865), p. 134, etc. Não esqueçamos também Tri-corii (Phi 3, 4, 5) Petrucorius Steiner, Petro-Corii, Caes. etc., Bai(o)-corrie du Mège, Archert. pyren. p. 139 (em Becker, Beiträge, III. 188) enquanto a aero-, que não posso deixar de considerar como segundo elemento de composição, é tema mais raro; acometeu o espírito a comparação com o Deus Aernus de Castro d'Avellãs, que é beni-aerno, como eu pude verificar há três anos e a que Hübner é inclinado, e não aeterno, como quer Mommsen. Não esqueçamos também Αιρηνοξιτοι povo hispânico mencionado por Polybio 3,35. Em aerno-, o -no é evidentemente sufixo. O carácter céltico do nome Coroaero- é evidente - uma determinação mais isenta dos elementos que o compõem depende de estar com a mão assente nestes estudos- Camuli é provavelmente nome do pai do Arg... e do Coroaero- Arg, dux, deve ser rejeitado definitivamente. Se Camalus deve ser considerado como designando a mesma divindade que Camulus, nada nos impede de considerá-lo no barro e na lápide como nome de homem, visto o processo frequente de nomes de deuses serem postos a homens. Cp. Julius Camulus (Becker, Beitr. III, 439), etc. vid. Maury, Cnyames et lég. 2^a ed. 219 ss.

Tenho um maço de provas para rever ainda hoje e deixo portanto o assunto dando-lhe parabéns pelo seu novo achado e declarando-me

De V. Ex^a

m.^{to} respeitador

F. Adolfo Coelho

⁵⁴⁰ . Entrelinhado - "ou croco"

Escrito na margem

Como V. Ex^a sabe perfeitamente 1) O costume dos celtas terem só um nome para cada individuo conservou-se muito tempo como atestam numerosas inscrições; 2) mas ao nome do individuo juntava-se muitas vezes o nome do pai em genitivo. Exemplo em Orelli 156: Turaius Chanti, Docius Maesi, Magilo Clouti, Bodecius Burrai, Thaesus Clutami. e há centos; logo creio que a inscrição se deve traduzir: casa de Coroaero, filho de Camalo. Isto é uma opinião, mais nada.

Piedade, Almada, 6 de Março de 1878

Ex^{mo} Snr.

Tenciono fazer brevemente na Sociedade de Geografia uma conferência sobre toponímia portuguesa; um dos motivos que tenho que apresentar para justificar a oportunidade do assunto é que os nossos eruditos continuam ainda na estrada seguida pelos freis Bernardos de Brito, apenas com os adornos do Sânscrito e outras coisas mais, ignorando completamente o método geral das investigações linguísticas e o especial das estradas onomatológicas; exemplificarei com as etimologias variadas que a propósito da Citânia têm saído do cérebro desses eruditos. Não citarei, porém, nomes, até porque há repetições frequentes e nem sempre é possível descobrir o produtor original, como V. Ex^o bem sabe. As combinações do Dr. Simões de Coimbra são particularmente engraçadas e feitas para todos os paladares, pois nos dá punico (tan - donde viria este punico é que não pude averiguar, nem tão pouco o que significaria) Sânscrito (duas formas para escolher) e céltico hann ou hanouth, sem dizer de que dialecto neo-céltico, o que deve fazer considerar a palavra como do céltico fundamental, isto é, do céltico ainda não diferenciado em dialectos. Urge estabelecer uma linha divisória entre o diletantismo e a investigação séria e mandar os eruditos como dr. Simões aprender o rudimento das coisas; miro a isso (sem esperanças de resultado, já se vê) na minha conferência. Como tenho que falar no nome Citânia rogava a V. Ex^o me esclarecesse sobre os seguintes pontos:

1º É a designação dada às ruínas verdadeiramente popular (V. Ex^o citara-me a forma Citânia dos lavradores), ou passou dos eruditos para o povo?

2º Sabe-se alguma coisa particular sobre o seu modo de transmissão?

3º Quais foram os primeiros escritores nossos que mencionaram Citânia?

4º Sabe V. Ex^o já a época dos documentos de Braga que, diz-se, aludem à Citânia?

Confesso-me desde já grato por uma curta resposta a estas perguntas e peço-lhe disponha de quem é

De V. Ex^o

respeitador sincero

F. Adolfo Coelho

Piedade, Almada, 13, Março de 1878

Ex^{mo} Snr.

Cumpre-me agradecer a V. Ex^a as interessantes observações acerca do nome de Citânia ou antes Citaina que formam a única base positiva para a discussão etimológica, verdadeiro beco sem saída, em verdade atenta a falta de documentos.

A tradição do penedo dos cornudos é muito interessante igualmente; já a enfileirei nos meus Costumes e superstições do povo português, que verão a luz quando houver editor para eles. O que provavelmente nunca haverá; entretanto vou tendo o prazer egoísta de enriquecer a minha colecção e de a ver na minha carteira. Custa-me espalhar por publicações periódicas destinadas a vida efémera o que tanto trabalho dá a juntar. O valor e interesse destas coisas provém em grande parte da massa; só isso é que dá rigor às demonstrações. Tomei nota dos cotos; qualquer achado carnal poderá um dia esclarecer esta palavra.

Espero com muito interesse a publicação de V. Ex^a acerca da Citânia. Enquanto há nomatologistas que fazem de Aveleda - ave leda, etc. não espero convertê-los; o que precisam não é de princípios de linguística mas sim de enérgicos banhos de duche; é mandá-los para o dr. Craveiro. Outra classe pior é a dos sábios; estes resmungam, calam e mordem na mão que lhes dá o ensino, mas por fim lá no fundo da consciência vêem que andavam por caminhos errados; não se emendarão totalmente, mas ao menos serão um pouco mais prudentes.

Sou com muita estima

De V. Ex^a

Respeitador sincero e obrigado

F. Adolfo Coelho

Lisboa, Rua do Quelhas, 107, 2º

24 de Março de 1881

Ex^{mo} Snr.

Recebi há uma hora o seu novo trabalho - *Ora Maritima* e percorri-o já com a avidez de quem tem o maior interesse pelos estudos de *Etnologia peninsular*. Agradeço a honra da oferta. Tenho continuado nos meus estudos de *onomatologia peninsular* e terminados eles ou pelo menos apurado o que me é possível apurar com os instrumentos à minha disposição, tenciono passar ao exame crítico das notícias dos antigos, para o que tenho já assentes as bases de método. Então o estudo de V. Ex^a ser-me-á de incontestável auxílio, embora eu tenha talvez que me afastar de suas conclusões. Vi apenas de passagem na Academia o estudo de V. Ex^a sobre os lusitanos; espero a publicação dos *Comptes-rendus* do Congresso Antropológico para poder examiná-lo por miúdo.

O que posso fazer já é dizer o que penso da pequeníssima parte linguística do trabalho de V. Ex^a.

P. 22.n. celt. mod. lech não representa leuco-, mas sim lûco. Glück K N. p. 19, n.L. Zeuss-Ebel p. 32. 151, 171. etc. Belloguet (*Gloss. nr. 69*) é mau guia, pois nada soube de fonética céltica. Era extremamente comodo ver em lech a explicação de Leuci (= scopuli pela significação) e de leuca, légua, mas nem tudo em etimologia serve à medida dos nossos desejos. Por que fonética se liga lage a leuco-? Lage não será antes igual a lat. lapide (*lapie)? leixão é muito obscuro; deixemo-lo em paz até nova leitura; de leuco- não vem ele sem dúvida.

Tenho uma hipótese sobre leuco- plausível pelo sentido, pela derivação, pela fonética, mas que a minha prudência não me permite dar como coisa provada: $\sqrt{\text{gru}}$ deu em céltico grāvam, em irlandês broo (*Curtius G. E.⁵ p. 553*) o que torna duvidoso que o grego λᾱ-as tenha a mesma origem; mas λᾱ-α-s, mas a existência de um tema λᾱ/- é certa em grego onde achamos λελυ-ω etc.; leuco- pode assentar sobre tema-raiz europeu lau.

6. 90n. Hoker não disse em parte nenhuma que o nome de hibernes vem duma língua pré-céltica. Ele explicou Iverni por uma forma antiga irlandesa (irlandês pré-histórico) que ele liga ou aproxima do céltico avara. Guider, porém, explica a palavra como sendo da língua dos Britânicos.

A classificação de “ilustre arqueólogo” dada a um compilador sem crítica de espécie alguma como Pinho Leal parece-me um favor introduzido subrepticamente da caixa do tipógrafo dalgum periódico quotidiano, em que desses louvores há abundância no estudo sério de V. Ex.^a.

Refuto o que em tempo disse: como V. Ex.^a. é um homem de espírito falolhe desta maneira.

*Sou com toda a consideração
de V. Ex.^a*

Amigo e venerador obrigado

F. Adolfo Coelho

Lisboa, 15 de Janeiro de 1884

Ex^{mo} Am.^o e Snr.

Os meus agradecimentos pelo nº da Revista de Guimarães e pela sua interessante carta. Tanto esta como o artigo dariam lugar a diversas observações as quais reservo para lugar conveniente, porque destacadas perderiam toda a força. Depois de diversão longa noutros domínios volto aos meus estudos de etnografia hispânica e espero começar em breve a publicação de uma série de artigos soltos que, mais tarde, corrigidos e coordenados farão um volume.

Desejo mencionar todas as opiniões de escritores meritórios no domínio da investigação das coisas antigas, ainda quando divergiam completamente das minhas e reproduzir com a maior lealdade os seus argumentos. Essas reproduções com a discussão respectiva farão parte de apêndices. Nos escritos dos escritores de opiniões mais diversas acho sempre mais uns nomes que aproveitar; nos escritos de V. Ex^a acho muito, até argumentos novos para combater as próprias opiniões neles manifestadas; assim, por exemplo, o indo-europeísmo (perdoe-me o barbarismo) um organismo dos lusitanos, etc. parece-me ter que experimentar numerosas deduções; assim o celticismo (isto é, relação com as línguas chamadas célticas por nós os que teimamos no velho erro que V. Ex^a comete) da onomatologia lusitânica não pode demonstrar-se senão para um certo número (aliás bastante considerável) de casos, havendo nessa onomatologia muitos elementos que não são de origem argana, etc.

Mostrarei também em escrituras anteriores algumas das principais opiniões que V. Ex^a defende. Com relação aos ligures tenho muito que dizer, sem esperar de modo algum convencer V. Ex^a. Eu sei como nestas coisas é fácil abandonar uma direcção tomada conquanto V. Ex^a seja um renegado do celticismo; mas como os renegados permanecerá devoto ardente na religião nova.

Enquanto à Cytaia-Cytania, o caso parece-me grave. Se aquela aproximação se me apresentasse teimosa no espírito sangrava-me por precaução e ia

tomar ares; de caminho faria uma romaria ao Bormanico. Enquanto ao Bormar, lembrarei a V. Ex^a. que houve da parte de V. Ex^a. um esquecimento fonético e outro sematológico; mas isso são rabugices de filólogos que ficarão para mais tarde.

O meu desejo sincero é que V. Ex^a. continue a ser feliz nos seus descobrimentos arqueológicos e me continue a honrar com as notícias dos seus estudos.

Creia-me sempre

De V. Ex^a.

Amigo muito agradecido

F. Adolfo Coelho

Meu amigo¹

Afinal vim de Vizela para o Porto e do Porto para Lisboa sem ir a Guimarães ver as suas colecções. Mas afinal também o seu deus Bormanicus deixou no começo o milagre da cura da minha insónia, de modo que eu não tive ânimo de lhe fazer gravar em lápide de dimensões clássicas:

DEO BORMANICO

FRANKISKUS ATAHUL

EUS EX GENTE

CUNICULORUM

EX VOTO SOI

VIT PROSALUTE

outros deuses ignotos vão continuando todavia o milagre em estudo e espero em breve achar-me em estado de perseguir nos meus estudos apesar dum fundo diatese (artrítica; digam uns nevrosténica, outros, de qualquer modo coisa muito apoquentadora) que continuam a perseguir-me.

Ora a primeira coisa a fazer é cumprir a promessa que lhe fia e aos seus amigos, que me honraram com a sua visita, de escrever ou melhor pôr em ordem os artigos sobre o sufixo -aico no onomasticum antigo da península.

A primeira parte desses artigos é curta e contém os dados mais importantes, os dados gramaticais; falta-me só passá-la a limpo, mas antes de o fazer gostava de incluir nela o nome daquele deus Cossu aero (se não me engano) que V. Ex^a. descobriu; rogo-lhe pois me envie traslado da inscrição com indicação exacta do lugar em que foi descoberta.

¹. Esta carta não aparece datada, mas crê-se que seja a última que Adolfo Coelho escreveu a Martins Sarmento. Os assuntos tratados e até o tipo de letra apontam nesse sentido. É provavelmente de 1887.

O 1º artigo não poderá ir talvez para o nº de Julho da Revista de Guimarães, provavelmente já composto, mas irá no de Outubro, rogando eu o obséquio de o mandarem compor com a possível brevidade e de fazerem uma pequena tiragem à parte.

O estudo sobre o sufixo aico abre a série dos meus trabalhos sobre os vestígios das antigas línguas peninsulares; só o conjunto permitirá tirar conclusões seguras e desfazer objecções que as partes isoladas podem sugerir. Fico tanto quanto possível no terreno glotológico para mais tarde passar ao etnográfico, em que atacarei a questão ligúrica. Entretanto poderá, querendo, aproveitar nos meus estudos alguns argumentos a favor da sua tese, por exemplo, o facto de que o sufixo aico se encontra na Cisalpina, é raríssimo Transalpina, e se encontra no grego (já V. Ex^o. indicou relações étnicas dos seus lusitanos com os gregos) pode ser interpretado a favor da sua teoria.

O pequeno estudo que se seguirá a esse do sufixo -aeco sobre -asco dar-lhe-á muito prazer: -asco que Pleachier supõe ligúrico encontra-se na lusitânia ainda mais ficou em Espanhol e em Português (verdasco, frutasco, etc.).

A ciência, a verdadeira, cujo estandarte eu busco defender é sempre sincera. Eu estudo os factos, agrupo-os segundo as suas relações: depois concluo a meu modo, deixando aos outros a liberdade de aceitarem ou não as minhas conclusões; mas não emendo facto nenhum, porque a minha única preocupação é a verdade.

Mande-me o seu deus em -aico e apresente os meus respeitos aos digníssimos directores da Sociedade que se honra com o seu nome.

Creia-me seu amigo e respeitador

F. Adolfo Coelho